

## RUA ENGENHEIRO CARLOS STEVENSON

Lei nº 3 de 26-08-1947, Artigo 1º, Inciso "a"

Formada pelas ruas 4, 4-A, 16, parte da 17 e 18 da Nova Campinas e rua 6 do Jardim Marília

Início na rua Dr. Emilio Ribas

Término na rua Piquete

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal de Campinas Manoel Alexandre Marcondes Machado. Aprovada pela resolução nº 193-M, de 1947, da Assembléia Legislativa.

## ENGENHEIRO CARLOS STEVENSON

Carlos William Stevenson nasceu em São Luiz, Maranhão, em 16-outubro-1869 e faleceu em Campinas, em 10-agosto-1946. Era filho de John Erskine Stevenson e Estefânia Leitão Bandeira Hall Wilson e foi casado com Rita Penteado Stevenson, deixando descendência. Fez seus estudos preparatórios no Liceu Maranhense, matriculando-se, depois, na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde se formou em 1881. Seu primeiro serviço foi o de colaborador da planta cadastral da Capital Federal, transferindo-se, em seguida, para Campinas. Nesta cidade sua primeira tarefa foi a da construção do Ramal Férreo Campineiro, assumindo depois sua superintendência. Em 1895 ingressou na Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, ocupando o cargo de Chefe de Locomoção, em 1897, onde revelou-se técnico de enorme capacidade, projetando e orientando a construção das grandiosas oficinas da estrada, projeto de características originais, muito avançadas para a época, e que serviu de modelo para outras ferrovias, inclusive dos Estados Unidos. Em 1910 retornou ao Rio, executando as reformas das oficinas de Engenho de Dentro e colaborando na duplicação da linha da Serra do Mar. A convite do engenheiro Antonio Penido, a quem substituiu, em 1918, na Inspeção Geral da Mogiana, retornou a Campinas. Nesse período levantou o belo edifício do escritório central, em Campinas, sendo, outrossim, o construtor da primeira locomotiva feita, peça por peça, na América do Sul. Ocupou ainda o cargo de presidente da Associação Beneficente "Sales de Oliveira", dos empregados da Mogiana, da Maternidade de Campinas, do Centro de Ciências, Letras e Artes, do Instituto Campineiro dos Cegos Trabalhadores, da Associação dos Engenheiros de Campinas, da Associação de Engenharia Ferroviária, da qual foi eleito presidente perpétuo no Congresso de Belo Horizonte, e presidente e organizador da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Empregados da Companhia Mogiana. Foi vereador e presidente da Câmara Municipal e do Conselho Consultivo, prestando relevantes serviços à cidade, destacando-se seu estudo de remodelação urbana. Figura notável da engenharia brasileira, ferroviário emérito, foi esteta e amante das belas artes. Foi excelente violonista e poeta de delicada sensibilidade, concretizando em estrofes, mimosas jóias que dedicava a sua esposa. Um dos seus sonetos mais famosos "Trilhos" foi incorporado ao repertório da famosa declamadora Patrícia Margarida Lopes de Almeida.



### Lei N. 3, de 26 de agosto de 1947

Dando as denominações de "Eng. Carlos Stevenson" e "Castro Alves"  
a duas vias públicas

O Prefeito Municipal de Campinas, nos termos do inciso II, do art. 3.º, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, da Constituição Estadual, promulga a seguinte lei:

Art. 1.º — Ficam denominadas pela forma abaixo indicadas as seguintes vias públicas desta cidade; a saber:

a) — Rua Engenheiro Carlos Stevenson, a via pública que tendo início na Rua Emilio Ribas, termina na Rua 9 do novo arruamento — Nova Campinas — no Bairro do Cambuf;

b) — Rua Castro Alves a via pública que tendo início na Rua Paula Bueno, termina na Avenida Barão de Itapura, no Bairro de Guanabara.

Art. 2.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 26 de agosto de 1947.

MANOEL ALEXANDRE MARCONDES MACHADO  
Prefeito Municipal

Publicada na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 26 de agosto de 1947.

O Diretor,  
ADMAR MAIA

(Aprovada pela resolução n. 193-M, de 1947, da Assembléia Legislativa).



E. F. M. ... E. M. ...

### Ruas da cidade:

#### CARLOS STEVENSON, Engenheiro — rua

A denominação foi dada pela Lei n.º 3, de 26 de Agosto de 1947. Tem 15 metros de largura.

Começa na Praça da rua Emilio Ribas e termina na rua José de Sousa Campos, no Bairro da NOVA CAMPINAS.

**Dados Biográficos:** O Engenheiro Dr. Carlos William Stevenson, nascido em S. Luiz, do Maranhão aos 16 de Outubro de 1869 e falecido nesta cidade aos 10 de Agosto de 1946, era filho do casal John Erskine Stevenson e de dona Estefânia Leitão-Bandeira Tall Wilson, ambos descendentes de famílias de Portugal e da Inglaterra. Fez seus estudos preparatórios no famoso Liceu Maranhense, matriculando-se, após, na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, formando-se em 1891. O seu primeiro serviço foi o de colaborador da planta cadastral da Capital Federal, transferindo-se depois para Campinas. Aqui a sua primeira tarefa foi a da construção do Ramal Ferroviário Campineiro, assumindo, posteriormente a sua superintendência. Em 1895, ingressou na Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, vindo a ocupar o cargo de Chefe da Locomoção, em 1897, revelando-se, nesse cargo, grande técnico, tendo ainda projetado e orientado a construção das grandiosas oficinas da estrada, aliás, projeto de características originais e muito avançadas para a época. Em 1910, retornou ao Rio, onde, a convite do Dr. Paulo Frontin executou as reformas das oficinas de Engenho de Dentro e colaborou eficientemente as obras de duplicação da linha da Serra do Mar. Em 1913, foi nomeado professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, cargo do magistério que não chegou a exercer por ter retornado a Campinas a convite do Engenheiro Dr. Antonio Pericido, a quem substituiu em 1918, na Inspeção Geral da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Durante o período de atividade na Mogiana, levantou-lhe o edifício do escritório central em Campinas, bem como, na qualidade de especialistas em assuntos ferroviários, foi autor da primeira máquina, feita peça por peça, na América do Sul. Ocupou ainda o cargo de presidente da Associação Sáles Oliveira, dos Empregados da Companhia Mogiana, da Maternidade de Campinas, do Centro de Ciências Letras e Artes, do Instituto Campineiro dos Cegos Trabalhadores. Foi ainda o primeiro presidente e organizador da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Empregados da Mogiana, sendo ainda o primeiro presidente da Associação dos Engenheiros de Campinas e da Associação de Engenharia Ferroviária, da qual foi eleito presidente perpétuo no Congresso de Belo Horizonte. Sem pertencer a partidos políticos, mas levado pela confiança das correntes locais, galgou o alto cargo de Vereador, Presidente da Câmara Municipal e do Conselho Consultivo, prestando relevantes serviços a cidade, destacadamente no estudo de remodelação urbana. Condensou em obras originais o resultado das suas experiências e de longos anos de trabalho, inventando fórmulas, depois oficialmente adotadas para cálculos de engenharia. De fama internacional é o seu livro "Resistência dos Trens e Suas Aplicações", do qual foram tiradas duas edições. E da sua lavra outros trabalhos importantes, tais como: "Resistência dos Trilhos"; "Desenvolvimento Virtual das Estradas de Ferro". Noutros setores da literatura, encontramos-lo na poesia, cujos versos foram lidos em Sessão Solene da Academia Brasileira, pelo saudoso poeta engenheiro Luiz Carlos. Escreveu ainda mais dois livros "Nha Branca", excelente coleção de contos, e "Fé", ensaio de fundo religioso.

A.M.G.

# Ruas de Campinas

(Trabalho de ALAOR. MALTA GUIMARAES)

XLV

## Carlos Stevenson

(Começa na Praça da rua Emílio Ribas e termina na Av. José de Sousa Campos, no Bairro da Nova Campinas.)

A denominação foi dada pela Lei n. 3, de 26 de Agosto de 1947. Tem 15 metros de largura.

### DADOS BIOGRAFICOS:

Engenheiro dr. Carlos William Stevenson, nascido em S. Luiz, do Maranhão, aos 16 de Outubro de 1862 e falecido nesta cidade aos 10 de Agosto de 1948, era filho do casal John Erskine Stevenson e de d. Estefânia Leitão: Bandeira Hall Wilson, ambos descendentes de famílias de Portugal e da Inglaterra. Fez seus estudos preparatórios no famoso "Liceu Maranhense", matriculando-se, após na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, formando-se em 1881.

O seu primeiro serviço foi o de colaborador da planta cadastral da Capital Federal, transferindo-se depois para Campinas. Aqui a sua primeira tarefa foi a da construção do Ramal Ferreo Campineiro, assumindo posteriormente a sua superintendencia. Em 1895, ingressou na Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, vindo a ocupar o cargo de Chefe de Locomoção, em 1897, revelando-se nesse cargo, grande técnico tendo ainda projetado e orientado a construção das grandes oficinas da estrada, aliás, projeto de características originais e muito avançadas para a época. Em 1910, retornou ao Rio, onde a convite do dr. Paulo Frontin, executou as reformas das oficinas de Engenho de Dentro e colaborou eficientemente nas obras de duplicação da linha da Serra do Mar. Em 1913, foi nomeado professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, cargo do magistério que não chegou a exercer por ter retornado à Campinas a convite do Engenheiro dr. Antonio Penido, a quem substituiu em 1918, na Inspeção Geral da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Durante o período de atividade na Mogiana, levantou-lhe o edificio do escritório central em Campinas, bem como, na qualidade de especialista em assuntos ferroviários, foi autor da pri-

meira máquina, feita peça por peça, na América do Sul. Ocupou ainda o cargo de presidente da Associação Sales de Oliveira, dos Empregados da Companhia Mogiana, da Maternidade de Campinas, do Centro de Ciências Letras e Artes, do Instituto Campineiro dos Cegos Trabalhadores. Foi ainda o primeiro presidente e organizador da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Empregados da Mogiana, sendo ainda o primeiro presidente da Associação dos Engenheiros de Campinas e da Associação de Engenharia Ferroviária, da qual foi eleito presidente perpétuo no Congresso de Belo Horizonte. Sem pertencer a partidos políticos, mas levado pela confiança das correntes locais, galgou o alto cargo de Vereador, Presidente da Camara Municipal e do Conselho Consultivo, prestando relevantes serviços a cidade, desveladamente no estudo de remodelação urbana. Condensou em obras originais o resultado das suas experiências e de longos anos de trabalho, afindo fórmulas depois oficialmente adotadas para cálculos de engenharia. De fama internacional é o seu livro "Resistência dos Trens e Suas Aplicações", do qual foram tiradas duas edições. E' da sua lavra outros trabalhos importantes, tais como: "Resistência dos Trilhos", "Desenvolvimento Virtual das Estradas de Ferro". Noutros setores da literatura, encontramos na poesia, cujos versos foram lidos em Sessão Solene da Academia Brasileira pelo saudoso poeta engenheiro Luiz Carlos. Escreveu ainda mais dois livros "Nha Branca" excelente coleção de contos e "Fé" ensaio de fundo religioso.



O Dr. Carlos W. Stevenson foi engenheiro, poeta, cronista, contista, orador. Traba hou no Ramal Férreo Campineiro, Cia. Mogiana, Great Western of Brasil. Na Compabhia Mogiana edificou grandes obras, principalmente sua modelar oficina





Mas, as horas da noites pas-  
[saram

E o sol fulgiu —  
Sol bendito pelo seu calor,  
Sol bendito pela sua luz!  
E não viste minha amada,  
Com os teus lábios procurar  
[os meus,  
Não senti o calor dos teus  
[braços,  
Não senti o teu coração.  
Estás tão longe!...

Amanteceu,  
As carrocinhas da madrugada  
Estão passando pela nossa  
[porta,  
Bom dia, meu amor ausente!

Para me não alongar, deixarei de transcrever outros versos dignos de divulgação, dentre os quais destacam-se alguns da coleção dos versos de engenheiro, já publicados.

Da mencionada coleção, o seguinte soneto, "Trilhos", foi declamado por Margarida Lopes de Almeida em um de seus primeiros recitais em Campinas.

#### TRILHOS

Paralelos, junjidos ao dormen-  
[te,  
Os dois trilhos percorrem lar-  
[go espaço,  
Ora seguindo, em curva, es-  
[treito passo,  
Ora a várzea, em longuíssima  
[tangente.

Mas, em reta ou em colelos de  
[serpente,  
Formam, ao longe, essas duas  
[barras de aço,  
Um só corpo, fundidos num  
[abraço,  
Seguindo, embora paralela-  
[mente.

Também, por este mundo, bra-  
[ços dados,  
Seguimos, dois eternos namo-  
[morados,  
Várzeas chelas de sol, vales de  
[dor.

Pois, assim como os trilhos,  
[nossas vidas  
São duas paralelas confundi-  
[das  
No infinito ideal do nosso  
[amor.

Soplando o impulso de encher toda uma vitrina de joias e de gemas preciosas, vou pezaroso fechar o cofre das reminiscências de amor e deixá-lo na urna de memória no sono tranqui-  
[do da eternidade.

Cam



Diário do Povo — Quarta-feira, 20 de agosto de 1969

## Grande vulto da engenharia

BENEDITO BARBOSA PUPO

Ao findar-se o Século XIX, quando o surto ferroviário tomava grande incremento em nosso Estado, veio fixar-se em Campinas um jovem engenheiro maranhense, que há pouco se formara. Sua atividade profissional aqui se iniciou na construção do Ramal Férreo Campineiro, empresa da qual posteriormente foi Inspetor Geral.

Natural de São Luiz, onde nasceu a 16 de outubro de 1869, o Dr. Carlos William Stevenson, após haver estado ausente de Campinas durante algum tempo, ingressou na Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Exerceu o cargo de Engenheiro Ajudante da 1.ª Residência dessa empresa, à qual dedicou grande parte de sua vida profissional, atingindo nela o mais alto posto da administração, o cargo de Inspetor Geral.

Agora, ao aproximar-se a data do primeiro centenário do nascimento do ilustre homem que aqui contraiu núpcias com uma filha da terra, de tradicional família campineira — D. Rita Penteado —; que aqui desenvolveu intensa atividade, não só profissional, mas também literária e social, queremos focalizar neste rápido esboço do Dr. Carlos William Stevenson, alguns aspectos da sua personalidade polimorfa. Homem poeta e bom, engenheiro dos mais notáveis, artista e poeta de raça, literato dos melhores, o Dr. Carlos William Stevenson marcou a sua passagem pela vida, com tal série de feitos, que para retratá-lo de corpo inteiro, estudando-se-lhe os múltiplos aspectos da personalidade, seria necessário um espaço infinitamente maior do que dispomos. Limitamo-nos, portanto, a focalizar duas de suas facetas: o arquiteto que planejou e construiu as oficinas da Companhia Mogiana, obra que surpreendeu a todos pelo arrôjo das soluções e o poeta, que, entre sua variada produção, conta com aquela jóia literária que é o soneto "Trilhos".

Desse ilustre engenheiro, disse o Dr. José Wilson Coelho de Souza, em conferência realizada em novembro de 1959, na Associação dos Engenheiros de Campinas, que "apesar, entretanto, de ter sido, toda a vida, ferroviário, praticou várias especializações da engenharia", pois "fez arquitetura quando projetou e construiu o poema de tijolo e aço que é a oficina da Companhia Mogiana".

Vale a pena lembrar esse evento marcante da vida do jovem engenheiro. Tendo inaugurado em 1875 o trecho de Campinas a Mogi Mirim, a Mogiana força, aos poucos, de acordo com suas necessidades de serviço, ampliando as oficinas destinadas à reparação de suas locomotivas e seus vagões. Ao iniciar-se o nosso Século, essas instalações, entretanto, não mais satisfaziam às necessidades da empresa, tanto assim que em 1902, na administração do engenheiro José Pereira Rebouças, decidiu-se a construção de novas oficinas, que deveriam ser dotadas dos mais modernos requisitos da técnica de então. Em face da exiguidade do terreno, entretanto, um problema surgira. A direção da empresa desejava dotar Campinas de uma obra da qual a cidade pudesse orgulhar-se. Deveriam, pois, as projetadas oficinas ser não apenas um estabelecimento para atender às suas necessidades de serviço, mas sim um verdadeiro monumento arquitetônico. Como realizar tal intento naquela pequena área de forma triangular, apertada entre o pátio da Companhia Paulista e a rua Sales de Oliveira, na Vila Industrial?

Ao então jovem engenheiro foi dada a incumbência de estudar, projetar e executar um plano de oficina moderna, na qual se incorporassem todos os melhoramentos existentes na época e na qual se impiantassem as mais aperfeiçoadas máquinas operatrizes, de forma a tornar essas oficinas uma das mais bem aparelhadas e eficientes do Brasil.

O engenheiro Rebouças depositava absoluta confiança no Dr. Stevenson. Não obstante isso, houve quem duvidasse do êxito do empreendimento em face da juventude daquele a quem fora confiada tal missão. O fato é que o moço venceu, triunfou galhardamente, dando-nos uma obra monumental, que surpreendeu a todos. Do conjunto de edifícios construídos naquela época, destacava-se o destinado à Seção de Locomotiva: um majestoso edifício, "cujas fachadas são construídas de tijolo prensado com pintos de alvenaria". No corpo central desse edifício fora instalada a oficina de montagem, com disposição transversal, servida por poderoso guindaste rolante, para 50 toneladas, que elevava qualquer locomotiva acima das que se achassem em reparos e correndo por sobre estas, colocava a máquina a ser reparada na valeta que lhe fora destinada.

Mas essa não foi a única obra realizada pelo Dr. Stevenson no campo da arquitetura. Foi ele o artífice da ampliação do Escritório Central da Mogiana em Campinas, bem como foi ele quem projetou e construiu em nossa cidade mais estas obras: a antiga sede do Centro de Ciências, Letras e Artes; o templo da Igreja Presbiteriana, à rua Bernardino de Campos, e o do Exército da Salvação, no Cambui.

Vejamos agora a outra faceta. Como poeta, o dr. Carlos William Stevenson deixou primorosos sonetos, dentre os quais se destaca, tanto pelo conteúdo, como pela forma, o já citado "Trilhos", que a grande declamadora patricia Margarida Lopes de Almeida incorporava ao seu repertório. El-lo: Paralelos, fixados ao dormiente, / Os dois trilhos ocupam leito escasso, / Ora seguindo, em curva, estreito passo, / Ora a várzea, em longuíssima tangente. / Mas, em reta ou coleios de serpente, / Formam, ao longe, as duas barras de aço / Um só corpo, fundidas num abraço, / Correndo, embora, paralelamente. / Também, por este mundo, braços dados. / Seguimos, dous eternos namorados, / Várzeas cheias de sol, vales de dor... / Pois, assim como os trilhos, nossas vidas / São duas paralelas confundidas / No infinito ideal do nosso amor.

CDM



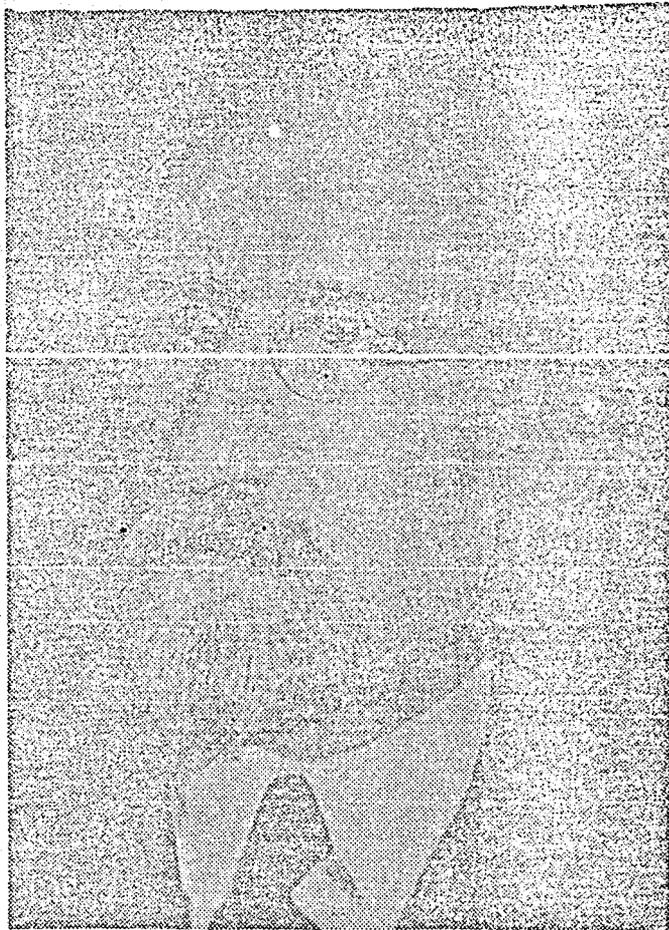
Diário do Povo — Quinta-feira 16 de outubro de 1969 —

# COMEMORA-SE HOJE CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE ENGENHEIRO

Em comemoração ao centenário de nascimento do eng.º Carlos Silliam Stevenson, foi celebrado ontem culto no templo da Igreja Presbiteriana Central, ocasião em que incumbiu ao Rev. Julio de Andrade Ferreira discorrer a propósito da personalidade do homenageado. Vale salientar que uma série de festejos assinalarão a passagem dessa data, uma vez que o notável engenheiro, homem de letras e caridoso, se distinguiu pelos serviços vários prestados a Campinas. Além de fazer da benemerência sua norma de vida, o eng.º Carlos William Stevenson se notabilizou pela sua colaboração para a solução de transcendentes problemas ferroviários.

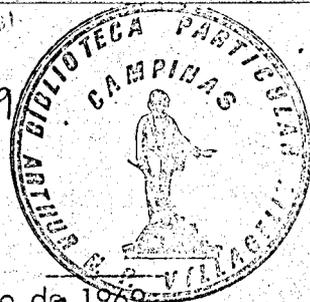
## HOMENAGENS

Para a comemoração desse acontecimento, foi elaborado o seguinte programa, a ter cumprimento durante todo o dia de hoje: às 10 horas, romaria ao Cemitério da Saudade; às 12,30 horas, almoço reunião da família, no Hotel Términus; às 20 horas, sessões solene na Câmara Municipal; às 21 horas, solenidade do Rotary Clube de Campinas-Sul, no Clube Fonte São Paulo, a que irá-se a presente o governador do Distrito 459 de R.I. Por outro lado, amanhã, às 10 horas, dar-se-á inauguração de placa comemorativa nas oficinas da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, à rua Sales de Oliveira, 1380, que doravante se denominará eng.º Carlos W. Stevenson; e, às 20 horas, será levada a efeito sessão solene no auditório do Palácio de Jequitibás, numa promoção conjunta de entidades a que o extinto esteve ligado, na maior parte delas na qualidade de presidente: Centro de Ciências, Letras e Artes; Associação dos Engenheiros de Campinas Associação Beneficente Sales de Oliveira, Associação dos Empregados da Cia. Mogiana, Maternidade de Campinas, Sociedade Amigos da Cidade, dos Rotarys Clubes e do Instituto Campineiros dos Cegos Trabalhadores.



Acontecerão hoje as festividades alusivas ao centenário de nascimento do eng.º Carlos William Stevenson

*CSM*



Diário do Povo — Quinta-feira 16 de outubro de 1969

# O ferroviário

## Carlos Stevenson

BENEDITO BARBOSA PUPO

Sobre duas das facetas do talento polimorfo do engenheiro Carlos William Stevenson, cujo centenário de nascimento transcorre agora, 16 de outubro, já tivemos oportunidade de manifestar-nos em artigo sob o título "Grande vulto da engenharia", publicado no "Diário do Povo", de 29 de agosto último. Muito se teria a escrever ainda a respeito dessa figura notável da engenharia brasileira, mas nesta oportunidade queremos focalizá-lo como ferroviário apenas.

Personalidade polivalente, o ilustre cidadão que viveu em Campinas grande parte de sua vida, aqui trabalhou e aqui faleceu em agosto de 1946, era, como escrevemos no artigo citado, um espírito dedicado às Musas, tendo realizado no campo da poesia magníficas obras, entre os quais o soneto "Trilhos", que, então, transcrevemos. No campo profissional, fez incursões por outros setores fora do ferroviário, realizando obras de engenharia civil e mecânica. Não obstante seus notáveis trabalhos então realizados, como as oficinas da Companhia Mogiana, o engenheiro Carlos William Stevenson foi sempre um ferroviário, cuja carreira se fez principalmente na Mogiana, como ele próprio apregoava.

A propósito disso, em discurso pronunciado na sessão solene de inauguração do Congresso de Engenharia e Legislação Ferroviária realizado nesta cidade em 1935, dizia ele: "A minha carreira ferroviária sempre intensa não raro tormentosa evoluiu paralelamente ao desenvolver da Mogiana. Com a dessa Estrada confundiu-se a minha vida profissional. E, ao deixá-la, por imposição médica, tive a impressão de que se me amputava órgão essencial à minha existência".

Nascido em São Luis, no Maranhão, Carlos William Stevenson, com 17 anos, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde em 1886 se matriculou no Curso Anexo da Escola Politécnica. Em 1887 e 1888, o jovem estudante fez o Curso Geral daquele estabelecimento, habilitando-se para o Curso de Engenharia Especializada. O Curso de Engenharia era feito em seis anos, subdividindo-se em três fases: Curso Anexo, com duração de um ano; Curso Geral, em dois anos. O resto do tempo era dedicado à Engenharia Especializada, que oferecia ao estudante quatro opções. Carlos Stevenson optou pelo Curso de Engenharia Civil, Artes e Manufaturas, cujo programa se desenvolvia em três anos. O jovem maranhense venceu-o em dois apenas, pois em 1889, fez todo o primeiro ano especial e parte do segundo. Em 1890, completou o programa do segundo e fez todo o do terceiro, colando grau em abril de 1891.

Ainda estudante, mesmo sobrecarregado de matérias acumuladas, aceitou o cargo de Auxiliar do Plano de Viação, que o grande Honório Bicalho então elaborava. Formado veio para Campinas, trazido pelo ilustre professor de matemática da Politécnica paulista, engenheiro Carlos Gomes de Souza Shalders, para trabalhar na construção do Ramal Férreo Campineiro, galgando nesta empresa em 1894, o posto de Inspetor Geral.

Casando-se com D. Rita Penteado, de tradicional família campineira, fez a viagem de núpcias à sua terra natal. Ali, durante o impedimento do engenheiro—chefe da Estrada de Ferro do Anil, superintendeu a construção dessa ferrovia, isso em 1893. Seu ingresso na ferrovia — a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro — à qual iria vincular-se e dedicar a maior parte de suas atividades, deu-se em 1895, quando foi nomeado Engenheiro-Ajudante da 1.ª Residência. No ano seguinte, assumia o cargo de Engenheiro Residente desse setor, que compreendia o trecho entre Campinas e Ribeirão Preto, e logo a seguir, em 1897, o de Chefe da Locomoção da Mogiana, posto em que permaneceu até 1908, quando se demitiu. Nesse mesmo ano, foi nomeado Chefe da Locomoção da Estrada de Ferro Minas e Rio, indo residir em Passa Quatro e posteriormente em Cruzeiro. A convite de Paulo de Frontin, então diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil, foi ocupar o cargo de Ajudante da Locomoção dessa ferrovia. Foi depois dirigir, a convite de seu colega de turma, José de Almeida Pernambuco, a construção do prolongamento da Estrada de Ferro Central de Pernambuco, parte integrante da Great Western of Brazil Railway. Em 1912, estava à frente do Escritório Técnico da Casa Sampaio Corrêa & Cia. de onde saiu para assumir, ainda a convite de Paulo de Frontin, o cargo de Chefe da Tração de Central. Em 1914, como Sub-Diretor da 1.ª Divisão dessa ferrovia, participou da tarefa de duplicar a linha da serra do Mar. Voltou nesse mesmo ano para a Mogiana, trazido pelo engenheiro Antonio Nogueira Penido, retomando a Chefia da Locomoção da empresa, na qual se manteve até 1918. Antes de assumir efetivamente a Inspeção Geral da Mogiana, exerceu interinamente a função de Inspetor Geral. Aposentou-se, em 1926, a conselho médico. Publicou várias obras sobre assuntos ferroviários.

Sua carreira de ferroviário não estava, entretanto, encerrada. Restabelecido da grave moléstia que o afetara, foi consultor da Mogiana, da Rede Mineira de Viação e do Governo paulista. Teve então oportunidade de lavrar pareceres sobre problemas de grande relevância para o Brasil. Quando Armando de Sales Oliveira, no Governo do Estado, fez reviver o projeto de Alfredo Maia, elaborado em 1906 sobre a Viação Férrea de São Paulo, Carlos Stevenson, conjuntamente com Francisco Monlevade, apresentou substancioso relatório sobre o assunto.

Eis aí em rápidas pinceladas, o currículo de Carlos William Stevenson como ferroviário, pois o relato de sua atividade no setor ferroviário, que foi a espinha dorsal de sua carreira, podemos dizer, parafraseando Euclides da Cunha, que Carlos William Stevenson foi, antes de tudo e acima de tudo, um ferroviário.

CAW